

## Nós e o Paraguai

Rubem Braga

O ministro das Relações Exteriores do Paraguai, Sr. Sapeña Pastor, disse em S. Paulo que ali funciona um comando comunista continental, formado, em sua maioria, por elementos paraguaios e contando também elementos de outras nacionalidades. A notícia adianta que as Forças Armadas brasileiras já estão devidamente informadas, e têm os nomes dos implicados nessa conspiração comunista; espera-se a prisão de grande número de pessoas em São Paulo, tanto na capital como no interior.

É bem possível que o ministro Sapeña Pastor tenha razão. É muito admissível que haja comunistas paraguaios e que, exilados em algum país vizinho, eles conspiram para derrubar o governo de seu país. Que nisso eles sejam ajudados por comunistas de outras procedências é também perfeitamente crível.

O Paraguai é um país ainda muito pouco desenvolvido, de povo pobre, dominado há longos anos por uma ditadura. O número de exilados é muito grande, no Brasil, no Uruguai e principalmente na Argentina. Acontece que, em sua grande maioria, esses exilados não são comunistas, nem mesmo homens de esquerda. São homens incompatibilizados com a ditadura paraguaia, nada mais; muitos deles democratas sinceros; outros simples adversários derrotados do grupo dominante.

As relações do Brasil com o governo e a oposição paraguaia envolvem, naturalmente, problemas delicados. Sem manter boas relações com o governo do simpático povo não nos seria possível cooperar com ele no interesse comum dos dois países. Não podemos, por outro lado, aparecer aos olhos da oposição paraguaia, que é muito numerosa, embora conte com escassos meios de se exprimir, como amigos ou patrocinadores de um regime de ditadura, culpados do fortalecimento desse regime. É exatamente por este motivo que nossas autoridades devem ter o maior cuidado e rigor ao apurar as denúncias feitas pelo chanceler paraguaio. A tendência normal de uma ditadura latino-americana desse tipo é acusar de comunistas todos os seus opositores. Devemos ter, assim, a maior circunspeção no trato dos exilados paraguaios, evitando assumir o papel odioso de carcereiro dos que procuraram a nossa terra em busca de liberdade.

Já estamos fazendo um papel bem melancólico na República Dominicana, alienando a simpatia de muitas nações americanas a custa de sua soberania; seria ainda mais triste que, para conquistar as graças do ditador paraguaio, fôssemos perseguir sem sérios motivos, dentro de nosso território, seus inimigos políticos. Desde que estes não abusem de nossa hospitalidade a ponto de fazer perigar as relações entre os dois governos, nosso dever é tratá-los com simpatia e tolerância. Os perseguidos de hoje poderão ser amanhã os chefes de um Paraguai novo e melhor.

DN - 21.7.65